

# Sinais de cena 15

APCT | Associação Portuguesa de Críticos de Teatro | Junho de 2011



# Sinais de cena 15

Junho de 2011



Centro de Estudos de Teatro



# Sinais de cena

N.º 15, Junho de 2011

<b>Propriedade</b>	APCT (Associação Portuguesa de Críticos de Teatro), em colaboração com o CET (Centro de Estudos de Teatro da Universidade de Lisboa)
<b>Membro co-fundador da revista</b>	Paulo Eduardo Carvalho
<b>Direcção</b>	Maria Helena Seródio
<b>Conselho redactorial</b>	Fernando Matos Oliveira, João Carneiro, Miguel Falcão, Mónica Guerreiro, Rita Martins, Rui Pina Coelho e Sebastiana Fadda
<b>Conselho consultivo</b>	Christine Zurbach, Georges Banu, Ian Herbert, José Oliveira Barata, Juan António Hormigón, Luiz Francisco Rebello, Maria João Brilhante, Michel Vaïs, Nikolai Pesoschinsky
<b>Colaboraram neste número</b>	Alexandra Moreira da Silva, Ana Campos, Ana Clara Santos, Ana Pais, Ana Sereno, Anabela Mendes, Bruno Tackels, Constança Carvalho Homem, Cristina Guerra, Diego Barros, Eugénia Vasques, Filipe Figueiredo, João Carneiro, José Pedro Serra, Laurinda Ferreira, Maria Helena Seródio, Mickael de Oliveira, Mónica Guerreiro, Nara Waldemar Kaiserman, Nelson Guerreiro, Paula Magalhães, Rita Martins, Rui Pina Coelho, Samuel Silva, Sebastiana Fadda
	Os artigos publicados são da responsabilidade dos seus autores
<b>Concepção gráfica</b>	Fuselog - Gabinete de Design, Lda.   <a href="mailto:fuselog@fuselog.com">fuselog@fuselog.com</a>
<b>Direcção, Redacção e Assinaturas</b>	APCT - Associação Portuguesa de Críticos de Teatro Av. Duque de Loulé, 31   1069 - 153 Lisboa  <a href="http://www.apcteatro.org">www.apcteatro.org</a> CET - Centro de Estudos de Teatro Faculdade de Letras de Lisboa: sala 67 Alameda da Universidade   1600 - 214 Lisboa Tel.   Fax: [351] 21 792 00 86 <a href="mailto:estudos.teatro@fl.ul.pt">estudos.teatro@fl.ul.pt</a>   <a href="http://www.fl.ul.pt/centro-estudos-teatro.htm">www.fl.ul.pt/centro-estudos-teatro.htm</a>
<b>Edição</b>	Edições Húmus
<b>Impressão</b>	Papelmunde, SMG, Lda.
<b>Periodicidade</b>	Semestral
<b>Preço</b>	12,00 €
<b>Depósito Legal</b>	216923/04
<b>Tiragem</b>	500 exemplares
<b>ISSN</b>	1646-0715
<b>Apoios</b>	<b>FCT</b> Fundação para a Ciência e a Tecnologia MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DO ENSINO SUPERIOR



INSTITUTO  
CAMÕES  
PORTUGAL

# Índice

## Editorial

sete | Sem abrigo, o sonho | Maria Helena Serôdio

## Dossiê temático

nove | A "expressão privilegiada do teatro": O FIMFA e João Paulo Seara Cardoso | João Carneiro  
doze | Miguel Guilherme: A causa dos divertimentos | Rui Pina Coelho  
quinze | Corpos abalroados / Palavras suspensas | Alexandra Moreira da Silva  
dezoito | Evocar em *perfinsta* dor dos deserdados | Maria Helena Serôdio

## Portefólio

vinte e um | Oficina de fotografia de cena: Olhar o teatro através da imagem | Filipe Figueiredo  
Paula Magalhães

## Na primeira pessoa

trinta e três | José Luís Ferreira: O território da intervenção | João Carneiro  
Alexandra Moreira da Silva

## Em rede

quarenta e cinco | *JAR*: Janela aberta para a pesquisa artística | Ana Pais

## Estudos aplicados

quarenta e sete | Onde colocar um pé quando uma mão esvoaça?  
Diálogo performativo e comunitário entre culturas | Anabela Mendes  
cinquenta e quatro | Ciências das artes performativas: Interpelações ao século XXI –  
A visão de Jean-Pierre Sarrazac | Ana Sereno  
cinquenta e oito | *Lady's voice* em encontro de naufragos | Eugénia Vasques  
sessenta | Encontros de Novas Dramaturgias Contemporâneas 2010 | Mickael de Oliveira  
Diego Barros  
Nelson Guerreiro  
sessenta e oito | Escritores de palco: Algumas observações para uma definição | Bruno Tackels

### Notícias de fora

setenta e cinco	Prémios e premiados em São Petersburgo	Rita Martins
setenta e oito	Géneses teatrais ou um interesse renovado pelos estudos de genética teatral	Ana Clara Santos
oitenta e um	Ator rapsodo: Para uma linguagem gestual	Nara Waldemar Kaiserman
oitenta e seis	Poética, documento, memória: <i>Ballet</i> , de Brodovitch	João Carneiro

### Passos em volta

oitenta e nove	Quando as cerejas estiverem maduras	Sebastiana Fadda
noventa e três	Almada ingénuo, exactamente	Constança Carvalho Homem
noventa e seis	Tchekov a duas vozes: Entre o sonho e o desespero	Laurinda Ferreira Cristina Guerra
cem	Entre a sedução estética e a densidade introspectiva	José Pedro Serra
cento e dois	A beleza, <i>joder</i> , a beleza	Rui Pina Coelho
cento e seis	Um mito português que é afinal de todo o mundo	Samuel Silva

### Leituras

cento e nove	Onde fica o amor?	Ana Campos
cento e doze	Teorias do dramático	Mónica Guerreiro
cento e catorze	Publicações de teatro em 2010	Sebastiana Fadda

### Arquivo solto

cento e dezanove	O <i>Archivo theatral</i> : Uma colecção de teatro francês	Ana Clara Santos
------------------	--	------------------



<  
*Exactamente Antunes*,  
 de Jacinto Lucas Pires,  
 enc. Cristina Carvalho e  
 Nuno Carinhas,  
 TNSJ, 2011 (Paulo Moura  
 Lopes, João Castro,  
 Joana Carvalho,  
 Lígia Roque, José Eduardo  
 Silva, Jorge Mota,  
 Mané Carvalho  
 e Paulo Freixinho),  
 fot. João Tuna.

# Almada ingénuo, exactamente

## Constança Carvalho Homem

*Título: Exactamente Antunes* (2011, a partir de *Nome de Guerra*, 1925, de José de Almada Negreiros). *Autor:* Jacinto Lucas Pires. *Encenação:* Cristina Carvalho, Nuno Carinhas. *Cenografia e Figurinos:* Nuno Carinhas. *Desenho de som:* Francisco Leal. *Desenho de luz:* Nuno Meira. *Preparação vocal e elocução:* João Henriques. *Interpretação:* Joana Carvalho, João Castro, Jorge Mota, José Eduardo Silva, Lígia Roque, Mané Carvalho, Paulo Freixinho e Paulo Moura Lopes. *Produção:* TNSJ. *Local e data de estreia:* Teatro Nacional São João, Porto, 17 de Março de 2011.

A adaptação de uma obra literária para um fim a que não estava previamente destinada renova sempre questões sobrejamente conhecidas em torno da fidelidade ao original, da reverência ao autor, da inevitabilidade de compressão ou extensão, até da autoridade ou oportunismo de quem se lança nessa aventura. Se, no entanto, a obra a adaptar for tão singular e tão pouco categorizável como *Nome de Guerra*, de Almada Negreiros, os receios podem dirimir-se por dois motivos: porque a aventura congrega uma equipa "experimentada", a quem se reconhece competência para diagnosticar um objecto apto à cena, operando as devidas alterações; e porque, na presença da primeira condição, e face à genialidade do texto, se pressente que ele pode persistir como outra forma de vida e que seria quase criminoso não o sujeitar a essa virtualidade. Foi esta a confiança que soube resumir depois de ver *Exactamente Antunes*, a adaptação que Jacinto Lucas Pires fez do romance de Almada Negreiros e que Cristina Carvalho e Nuno Carinhas conceberam para o Teatro Nacional São João.

O gozo do espectáculo radica, em primeiro lugar, no que esta versão consegue fazer a partir do texto original: uma síntese vívida, que sublinha o carácter formativo de *Nome de Guerra*, não desvirtuando, ainda assim, a possível caracterização da época e dos seus intervenientes. Quer isto dizer que a economia exigível à versão cénica não

quebrou o equilíbrio entre as tiradas mais pitorescas, coloquiais, e consequentemente epocais, e as fórmulas e asserções que irrompem em Almada com uma nitidez e um mistério, a um tempo, assinaláveis. Há, pois, a persistência de uma língua falada, ágil e imediata, e de uma língua nova, inteligível não se sabe bem por que via, actuante no limiar da descoberta. Mas porque essa língua, que é de Almada antes de ser de Antunes, porque esse modo de inocência encriptada provém não só de *Nome de Guerra* como de palestras, poemas e outros textos do autor, Jacinto Lucas Pires traz o próprio Almada à cena: não o polemista, nem a potência dos manifestos ou das quezílias, antes o orador vibrante, mobilizador, que habita no arco entre a alienação e a visão. As suas aparições estão intimamente ligadas à acção em curso, é enquanto voz autoral que Almada é convocado, pelo que pode instruir tanto o público como as personagens. E a primeira intervenção de A! é exemplar, castiga a desistência de D. Jorge com um murro que, não só reinicia a viagem de Antunes, como parece dar forma a uma tendência de Almada, a de introduzir nos seus textos perturbações gráficas, como a mão imperativa reproduzida no *Manifesto anti-Dantas*. Sacrificaram-se as descrições e o fino grão de ironia do romance, é certo, mas acrescentou-se ao "espectáculo do homem em luta livre consigo mesmo" a Maria mantida em surdina, aqui personagem de pleno

>  
*Exactamente Antunes*,  
 de Jacinto Lucas Pires,  
 enc. Cristina Carvalhal  
 e Nuno Carinhas,  
 TNSJ, 2011 (Jorge Mota),  
 fot. João Tuna.



direito, interlocutora das indagações de Antunes e condutora do seu fio de consciência, o que clarifica a equação final "Morreu a Maria, acabou-se a Judite!". Também o Tio é presença bem menos espectral do que suporíamos, e também ele concorre para adensar o transporte da cabeça de Antunes para cena, retesando intenções e expectativas para o sobrinho-por-cumprir, com pompa, farpela e sotaque beirão. Há ainda, nesta versão, um acréscimo que é, paradoxalmente, potenciador de irrupções cómicas bastante consensuais e, no conjunto do espectáculo, o mais difícil de assimilar. Servem de base a algumas das canções melodias reconhecíveis do *pop* português, emprestadas de Carlos Paião e António Variações – portuguesíssimas, sem dúvida, assentam que nem uma luva ao tom da prescrição popular, e o anacronismo não seria problema; fica, no entanto, a impressão de que este tipo de cómico, referencial e por isso manifestamente engenhoso, não só não condiz com o restante material, como até trai as estratégias discursivas do autor seminal. É a transparência da piada construída por Jacinto que tende a colidir com a aparência de simplicidade procurada por Almada, choque momentâneo entre um estilo e outro. Mas esta impressão serviria, é claro, uma ampla discussão sobre a visibilidade/invisibilidade do adaptador, que não é pertinente aqui começar.

A responsabilidade do espectáculo, repartida, como já tinha sido dito, por Cristina Carvalhal e Nuno Carinhas, resulta numa primeira colaboração a vários títulos relevante, tanto pela conquista plástica e dramática, como pelo trabalho de direcção de actores. Cumprem-se globalmente as indicações, abundantes, objectivas, propostas por Jacinto Lucas Pires, mas com uma moderação que resulta lisonjeira para os intérpretes e para o texto, que acredita na sua suficiência. A cena opera a partir do vazio, do negro a toda a profundidade do palco, onde mais recortados aparecem os gestos individuais ou corais. Como opção de fundo, a encenação preferiu as soluções ingénuas, até "escolares", poderia dizer-se (sem ponta de maldade ou juízo de valor, uma vez que me refiro à forma e não à sua execução): que com meia dúzia de cadeiras e uma bandeja se construa a mesa de um clube que depois se transforma em automóvel, aqui, particularmente, foi *eureka*, como *eureka* foi de resto a substituição do nu real por fatos de nu, um vestir do nu absolutamente escultórico e esclarecedor do quanto a ideia da coisa importa mais que a coisa em si. Por outro lado, sentiu-se como bem doseada a alternância entre o *retro* e o moderno, com a voz de A! a chegar-nos por via de um microfone e altifalante claramente datados, enquanto que certos estados de



espírito de Antunes, certos títulos de capítulo e lampejos meta-teatrais aparecem num ecrã de legendas, acompanhados pelo som de aviso de mensagem de uma conhecida marca de telemóveis.

Se para Almada "Espectáculo quer dizer Ver!", esta encenação também põe essa necessidade em evidência. Os melhores exemplos disso são, porventura, as interpelações ao universo pictórico de Magritte, na figura do Tio, cuja caracterização remete para o homem do chapéu de coco de *Le fils de l'homme* e de outros quadros, e na descida da árvore, inteira e com raiz, elemento igualmente recorrente na obra do surrealista belga. É um facto que o trabalho de Nuno Carinhas convoca muitas vezes a pintura à composição da cena. No entanto, estas interpelações revestem-se aqui de um valor que transcende o domínio do referencial e do intelectual, antes actualizam a procura de Almada em torno do que é "constante, universal, sem épocas, sem histórico", "o unânime", portanto, o Sinal, pelo que o seu reconhecimento é secundário, provavelmente avesso a consenso, mas o seu impacto não é de todo negligenciável ou subjectivo. O desenho de luz e o desenho de som, discretos se considerados individualmente, funcionam sobretudo como apontamentos rítmicos e atmosféricos, que coincidem



&lt;&gt;

*Exactamente Antunes*, de Jacinto Lucas Pires, enc. Cristina Carvalhal e Nuno Carinhas, TNSJ, 2011 (Lígia Roque e Jorge Mota), fot. João Tuna.

para facilitar a aparição do Sinal. Que o espectáculo procure funcionar a este nível é, creio eu, umas das suas mais generosas ambições.

O elogio aos actores, que é extensível ao conjunto do elenco, tem necessariamente de distinguir três intérpretes. Jorge Mota e Lígia Roque, antes de mais, que fizeram de uma distribuição à primeira vista improvável uma vantagem comovente; que aliando, respectivamente, lentidão e ignorância, leveza e lábia, à sua inscrição no mundo, bem mais dilatada que a das suas personagens, aumentaram a acutilância da descoberta. Jorge Mota perfaz a viagem, de Antunes periclitante a Antunes capaz, com um espanto e uma alegria tão púberes quanto genuínos, merecendo inteiramente o protagonista que lhe coube. Juntar a estes nomes o de João Castro é imprescindível, porque se o Almada *performer* nos é dado a ver com tanta eficácia é sobretudo culpa sua. Vestido com o fato-macaco que Almada celebrou em aparições públicas, João Castro teve não só olhos como mãos de gigante, convicção e serenidade que serviram o programa de Almada e produziram um mimetismo surpreendente.

Não exactamente *Nome de Guerra*, mas *Exactamente Antunes*, pelo modo como coloca o herói e um certo Almada ingénuo, exactamente, no vórtice da cena, é um espectáculo tanto de sobressaltos como de confirmações, também ele dificilmente categorizável, mas para o qual talvez seja possível anunciar já a persistência de uma vitória indelével.

### Referência filmográfica

VARELLA, Manuel (1993), *Por alma de Negreiros*, RTP (telefilme que alterna fragmentos da entrevista de 1968 e reconstituições protagonizadas por Fernando Gomes e Mário Viegas).